

Os Seminários em que



Por
SILVA ARAÚJO

Continuamos hoje com a publicação de um conjunto de memórias do Monsenhor Domingos Silva Araújo sobre os seminários onde viveu e se formou. No número anterior deste Suplemento, publicado no dia 30 de outubro de 2019, o autor falou-nos dos livros de texto e professores, de personalidades curiosas, das classificações, dos recreios, do vocabulário típico, do horário, da vida espiritual, das aulas de civildade, das festas, dos contactos com a família, do vestuário, dos passeios, dos serviços, dos empregados e das férias.

(continuação)

No Seminário Conciliar

Concluído o quarto ano do Curso de Humanidades fui para o Seminário Conciliar de S. Pedro e de S. Paulo, na Rua de Santa Margarida, onde

se encontravam os alunos de Teologia e de Filosofia, pois estes só foram para Santiago no ano letivo de 1952/1953.

Os quartos que nos foram destinados (até aqui, tínhamos dormido sempre em grandes camaratas) ficavam no último andar. Como não chegavam para todos, houve que fazer uma seleção, tendo em conta as notas de comportamento. Os de mais baixas classificações tivemos de continuar em regime de camarata, dormindo no pavilhão, situado entre o atual parque de estacionamento e a quinta do Seminário, onde hoje funciona a lavandaria.

Era um espaço frio, onde em alguns sítios chovia. Conosco dormia um Prefeito, num biombo.

Tínhamos a vantagem de, no seu tempo, apanharmos, manhã cedo, as nozes que caíam.

À medida que os quartos iam vagando, íamos passando para o edifício do Seminário.

Os do pavilhão, entre os quais me incluía, estudávamos numa sala, no referido edifício do Seminário.

Os quartos não tinham água canalizada nem casa de banho privativa. Além da cama e da mesinha de cabeceira, havia uma mesa de estudo, uma cadeira, um candeeiro, um armário-estante, um lavatório de esmalte, um jarro para irmos buscar água e uma bacia para lavar os pés.

Para tomar banho, de chuveiro, íamos a uns balneários situados a meio da casa, num torreão, ao lado das instalações sanitárias.

Na porta destas, por dentro, havia uma inscrição que, se não me engano, dizia assim: «Deus vê-me. As mais elementares normas da educação e a minha simples dignidade de homem e de bom



No 1.º ano de Filosofia (1952-1953). Matriculámo-nos 66. Fotografia em frente ao Estádio 28 de Maio (era este o nome). Na primeira fila, sentados, entre os alunos Domingos da Silva Araújo e Eurico Eduardo de Sousa Rodrigues, os superiores de então: padres José Carlos da Costa Seara e Eduardo de Melo Peixoto, Cónego Luciano Afonso dos Santos, padre Carlos Francisco Martins Pinheiro.

nome exigem que conserve este lugar sempre muito limpo e em ordem».

A capela do quinto ano era a chamada capela de baixo, onde se encontra, hoje, o auditório de S. Tomás de Aquino.

Enquanto se rezavam as orações da manhã, fazia meditação ou celebrava a Eucaristia, havia quem, mesmo de batina e sobrepeliz, desse uma escapadela ao «lago» existente no recreio, junto do então edifício da Cúria, a apanhar ovos de pata.

Fazíamos uma vida inteiramente separada da dos alunos de Teologia. De comum tínhamos a sala de jantar, ocupando nós o topo norte. O nosso recreio ficava no espaço situado entre a capela e a biblioteca. Ao ar livre jogava-se voleibol e, às vezes, futebol. Nos claustros havia mesas de

ping-pong e um plinto, onde nos divertíamos e onde, logo nos primeiros dias, fiz um rasgão na batina.

Começámos no quinto ano a usar batina, com murça. Não era permitido tirá-la nem sequer para jogar, no recreio. Nas saídas era obrigatório o uso do chapéu preto.

Era Reitor do Seminário o Cónego António de Castro Mouta Reis. Prefeito de Estudos, o P. Dr. José Fernandes de Carvalho Arieiro. Diretores espirituais, os PP. Drs. António Durão e Paulo Durão, da Companhia de Jesus. Secretário, o P. Manuel Araújo de Abreu Carneiro. Ecónomo, o P. Manuel Vaz Coutinho. Prefeitos, P. Albano Teixeira, P. Gonçalo Araújo de Abreu Pinheiro, P. Fernando Porfírio de Almeida Ribeiro, P. Domingos Alves Pereira.

Estudámos: Religião, Português, Latim, Inglês, História de Portugal, História Universal, Física e Química, Ciências, Matemática, Música.

Também havia aulas semanais de Ginástica e Civildade.

Foram nossos professores: Cónego António de Castro Mouta Reis, P. Dr. Manuel Ferreira de Faria, P. Manuel José Lopes, P. Américo Ferreira Alves, P. Manuel Vaz Coutinho, P. Albano Teixeira, P. Rodrigo Guilhermino Ernesto de Carvalho.

Em Santiago

Concluído o 5.º ano fomos para o Seminário de Santiago, que tinha regressado à posse da Igreja bracarense. Reabriu no ano letivo de 1952/53. Estivemos ali três anos.

Era Reitor o Cónego Dr. Luciano Afonso dos Santos.

Envio de trabalhos para publicação neste suplemento

vivi (3)

Diretor Espiritual, P. Dr. António de Castro Xavier Monteiro. Secretário e Prefeito, P. Eduardo de Melo Peixoto. Ecónomo e Prefeito, P. Carlos Francisco Martins Pinheiro. Prefeito, P. José Carlos Ribeiro da Costa Seara.

Depois foram prefeitos os padres Joaquim Azevedo Mendes de Carvalho e Domingos Ferreira da Silva Brandão.

Restituído à Arquidiocese em 1948, depois de ter sido ocupado por militares, o Seminário de Santiago (antigo Colégio de S. Paulo, da Companhia de Jesus) estava muito longe de ser o que é. Havia pavimentos esburacados. Muitos quartos não tinham porta, mas uma simples cortina. Guardávamos a roupa num armário que apenas tinha madeira dos lados, em cima e em baixo. As costas eram a parede a que se encontrava encostado, e a porta, uma cortina de pano. Havia «mesas de estudo» que não passavam de velhas carteiras.

Cada quarto tinha um lavatório, mas a água íamos buscá-la num jarro.

Na mesinha de cabeceira havia um vaso da noite.

Para banho, de chuveiro, havia uns balneários situados ao lado da cozinha, entre esta e a sacristia da igreja.

Aqui, quem cozinhava eram as irmãs da Congregação da Divina Providência e da Sagrada Família, com quem não era permitido o mínimo contacto. Punham a comida numa roda que girava, de maneira que não nos viam nem as víamos.

Dos três Seminários, este era aquele em que se comia melhor.

Além de confeccionarem as refeições as irmãs também cuidavam da roupa.

Nas salas de aula, as cadeiras eram do antigo Salão Recreativo, que deu origem ao que foi o Cinema S. Geraldo. Escrevíamos em cima dos joelhos.

As aulas de Filosofia, escolástica, eram em latim.

No estudo das teses seguia-se, habitualmente, este esquema: status questionis (estado da questão), definitio terminorum (definição dos termos), adversarii (quem e o que diziam os adversários),

Carvalho, P. Joaquim Martins Torres, P. Dr. José António Martins Gigante, P. José Carlos da Costa Seara, Cónego Dr. Luciano Afonso dos Santos, P. Dr. Manuel António de Paula, P. Manuel da Silva, P. Dr. Ma-



Na sacristia da Sé de Braga, em 1954, na investidura dos cónegos José António Martins Gigante e Arlindo Ribeiro da Cunha. São cumprimentados pelos alunos Francisco Lopes da Cruz, José Arnaldo da Silva Monteiro Fernandes, Domingos da Silva Araújo.

demonstratio (prova da tese). Na argumentação utilizavam-se os silogismos: premissa maior, premissa menor, conclusão.

Estudámos Apologética, Latim, Grego, Lógica Menor, Lógica Maior, Cosmologia, Psicologia, Teodiceia, Ética, Sociologia, História da Filosofia, Trigonometria, Astronomia, Física e Química, Ciências Naturais e Biológicas, História da Civilização, Língua Portuguesa, Canto Gregoriano. Também tínhamos aulas de Ginástica.

Foram professores: P. Dr. Álvaro Dias, P. Arlindo Ribeiro da Cunha, P. Carlos Francisco Martins Pinheiro, P. Domingos Ferreira da Silva Brandão, P. Eduardo de Melo Peixoto, P. Joaquim Azevedo Mendes de

Manuel Ferreira de Faria.

Também deu aulas de piano/harmónio o P. Manuel de Faria Borda.

As aulas de Ginástica estavam a cargo do médico, Dr. João Leitão de Azevedo e Sousa.

Alguns dos livros de texto: Manual de Apologética, de Boulenger; A Dios por la Ciencia, de J. Simon; Summa Philosophiae Scholasticae, de Remer; Philosophia Moralis, de V. Cathrein; História da Filosofia, de Franco Américo; Psicologia, de Fernando M. Palmés; Elementos de Trigonometria Plana, de Palma Fernandes; Cosmographie élémentaire, de Moreux; Elementos de Física, de Vitorino da Costa, Luís G. Silva, Ilídio

Peixoto; Compêndio de Química, de Rómulo de Carvalho; Ciências Biológicas, de Pires de Lima; Lições de Ciências Geológicas, de J. Carrington da Costa; História da Civilização, de Amado; História da Literatura Portuguesa, do P. Arlindo Ribeiro da Cunha; Introdução à História da Literatura, de Mendes dos Remédios; Elementos de Composição Literária, de Abel Guerra.

Em cada trimestre havia uma disputa, em latim, no salão de festas, com a presença

de todos os alunos e professores. Os arguentes, previamente designados, preparavam o trabalho com antecedência. O defensor era tirado à sorte.

Calhou-me uma vez ser defensor. Se me não enganar a disputa começava com um dos arguentes: contra tesim quae sic legitur.... sic instituo argumentum... Ergo falsa tesis. E assim por diante Além de explicarem as lições os professores faziam chamadas.

A passagem de ano fazia-se após um exame em cada uma das disciplinas.

Muitos dos livros de texto eram em latim. Alguns, em português, em francês, em castelhano.

Livros de literatura portuguesa, que o P. Joaquim Mar-

Três anos muito difíceis

Não exagere se disser terem sido os três anos de Santiago o período mais difícil da nossa vida académica. O Reitor, Cónego Dr. Luciano Afonso dos Santos, certamente que bem intencionado, fez-nos a vida dura. Exercia sobre nós uma apertadíssima vigilância, procurando surpreender-nos a qualquer hora do dia ou da noite. Ameaçava com a expulsão pela mais pequena falta. Não podíamos ir para férias sem nos despedirmos dele, o que originava a formação, frente ao seu gabinete, de uma extensa fila, que se prolongava pela noite dentro. Exigia que, de férias, lhe escrevêssemos uma carta, o que às vezes constituía uma grande preocupação e um verdadeiro pesadelo.

Nas notas de comportamento as classificações eram: medíocre, suficiente, bom, muito bom.

Nas saídas era obrigatório o chapéu preto. Ajustávamos a batina com uma faixa à cintura. Começou por ser de duas cores e depois, preta com um distintivo da cidade de Braga.

Nas idas à Sé e nas celebrações mais solenes realizadas no Seminário usávamos barrete e sapatos de fivela.

As celebrações litúrgicas ora se celebravam numa capela, no interior do Seminário, ora na igreja de S. Paulo.

O Diretor Espiritual fazia-nos uma palestra semanal, na capela.

Como no Seminário Menor, também a maioria das refeições era em silêncio, durante as quais se fazia uma leitura.

Também só íamos a casa nas férias do Natal, da Páscoa e do Verão. Periodicamente podíamos receber a visita da família.

No Carnaval tínhamos, durante o dia, na igreja, a celebração das 40 Horas. À noite, num dia íamos ao teatro no Seminário Conciliar e noutra, havia teatro no nosso Seminário.

Os passeios eram à quinta-feira e ao domingo. Na cidade íamos em forma. Acompanhava-nos sempre um Prefeito. Às vezes íamos para o Estádio 28 de Maio assistir aos treinos do Sporting de Braga.

No princípio do ano e em agosto havia uns dias de retiro, em silêncio, no Seminário.

No Seminário de Santiago e no Seminário Conciliar diversas vezes fomos, como dizia o P. Alberto José Brás, tratados como «mulas de reforço».

Quando em algumas atividades era preciso ter sala cheia, chamavam-se os seminaristas. Assim assistimos a diversos congressos.

Horário

Nos dias de aulas tínhamos o seguinte horário:

06h00 – levantar
06h20 – orações da manhã.
Meditação.
07h00 – Missa.
07h45 – estudo
08h10 – almoço
08h25 – recreio
08h45 – aulas
09h35 – tempo livre
09h45 – aulas
10h35 – tempo livre
10h45 – aulas
11h35 – tempo livre
11h40 – aulas
12h30 – exame particular
12h45 – jantar, visita ao SS.mo e recreio.
14h30 – estudo
15h00 – aulas
16h00 – estudo
17h00 – recreio e merenda
17h30 – leitura espiritual
17h50 – estudo
20h00 – ceia e recreio
21h00 – terço, Bênção do Santíssimo, exame de consciência e preparação da Meditação



No passeio de finalistas de Filosofia. Em Fátima, na Loca do Cabeço, 1955.

22h00 – repouso

Horário nos dias feriados:

06h00 – levantar
06h20 – orações da manhã.
Meditação.
07h00 – Missa.
08h10 – almoço e recreio
09h00 – estudo
10h00 – Missa cantada (aos domingos e dias santos)
10h30 – recreio
11h00 – estudo
12h30 – exame particular
12h45 – jantar, visita ao SS.mo
13h30 – passeio
17h00 – recreio e merenda
17h30 – leitura espiritual.
Aos domingos, Vésperas cantadas
18h00 – estudo
20h00 – ceia e recreio
21h00 – terço, Bênção do Santíssimo, exame de consciência e preparação da meditação
22h00 – repouso.

Pormenores a assinalar

Recordo pormenores interessantes deste período, onde nem tudo foi difícil:

Como o espaço para o recreio ao ar livre era pequeno, havia uma sala onde até se jogavam as cartas.

No recreio, ou se jogava ou se passeava, mas sempre em grupo.

Fazia-se ginástica com calções, o que era uma inovação, para quem tinha de andar sempre de batina, mesmo no recreio e na prática do desporto.

Realizava-se, anualmente, uma espécie de semana cultural, que dava ensejo a que cada um revelasse as suas qualidades.

O Reitor estimulava a criação literária, a pintura (o Lusquinhos e o Mestre pintor Luís de Campos davam umas lições) e o uso de instrumentos musicais.

Havia, não para todos, aulas de harmónio e de piano. Digo assim porque na formação musical estou persuadido de ter sido prejudicado pelo facto de sermos muitos. No Seminário Menor o Padre Borda só prestava atenção aos que tinham bom ouvido e boa voz. Os outros, aprendiam a teoria. Quando, em Santiago, quis aprender a tocar harmónio ou piano, e manifestei esse desejo, nunca apareceu quem me ensinasse.

O Reitor arranjou uns copinhos pequenos, que permiti-

tiam que a mesma quantidade de vinho (um copo normal, ao almoço, à quinta-feira e ao domingo) se repartisse não por dois mas por quatro dias.

Tenho saudades dos passeios trimestrais e anuais que o Cónego Luciano organizava.

Um dos professores que mais recordo é o Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha. Autodidata (não possuía títulos académicos), muito culto, era, à semelhança do P. Manuel José Lopes, de quem falei no Seminário Menor, um homem de resposta pronta e de piada fina.

Tinha expressões muito características, como aquela de dizer que «depois de um feriado não devia haver aulas», porque à segunda-feira era o dia em que nos apresentávamos menos preparados para responder às chamadas. Usava muitas vezes o comentário «isto já foi civilizado!». Interpretava o etc. que escrevíamos nos exercícios ou nas chamadas orais como significando: «e não sei mais nada».

Dava a impressão de estar convencido de que não podíamos saber muito. Nos exercícios escritos não devíamos

estender-nos. O Francisco Alves de Almeida, um discípulo muito inteligente, apresentou um dia um ponto escrito muito completo. Comentário do Cónego Arlindo, depois de o ter corrigido: copiou.

Falava depreciativamente dos cónegos, dizendo que só ia para cónego quem já não servisse para nada. Quando foi chamado para integrar o Cabido da Sé Primacial um colega escreveu-lhe dizendo: «com que então agora já não serve para nada!». Resposta do visado: «nunca vi regra sem exceção».

Mandou construir uma casa em Tenões, ao lado da estrada que vai para o Bom Jesus. Como o Cónego Paulo lhe dissesse que o prédio ficava num fundo, e que quem passava no elétrico apenas lhe via o cume, respondeu: quem vai no elétrico ainda consegue ver o cume, mas quem vai a pé nem o cume vê.

A propósito dos que estavam sempre disponíveis para aceitar qualquer cargo comentava: «as coisas dão o trabalho que a gente quer».

Não era modelo de modéstia na apreciação que às vezes fazia de si mesmo. «Quando me comparo, costumava dizer, conluo que não vou mal. Mas quando me considero...»

O P. Joaquim Martins Torres mandava-nos fazer, com muita frequência, um epistulium, em latim. Cada um fazia uns três ou quatro e eram sempre esses que andavam em circulação. Apresentávamos um, ele corrigia-o; entregávamo-lo depois com as correções feitas e éra-nos devolvido sempre com novas correções.

Nos exercícios de literatura queria que escrevêssemos muito. Resultado: fazíamos no quarto várias introduções, muito extensas. Na sala de aula, dado o tema, escolhíamos uma dessas introduções, a que mais se adaptava ao tema, e sobre este, em concreto, escrevíamos umas dúzias de linhas. ▀

(continua)